

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA  
CENTRO DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DESPORTOS  
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

Myllena Camargo de Oliveira

**EQUIDADE DE GÊNERO NA FORMAÇÃO DOCENTE EM  
EDUCAÇÃO FÍSICA**

Santa Maria, RS  
2021

**Myllena Camargo de Oliveira**

**EQUIDADE DE GÊNERO NA FORMAÇÃO DOCENTE EM EDUCAÇÃO FÍSICA**

Artigo apresentado ao Curso de Especialização em Educação Física Escolar, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM/RS) como requisito parcial para obtenção do título de **Especialista em Educação Física Escolar**.

Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Angelita Alice Jaeger

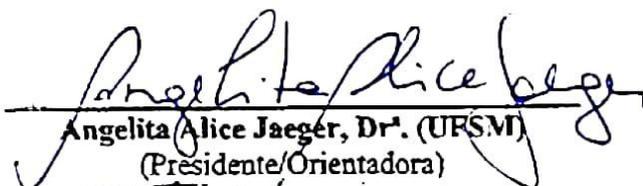
Santa Maria, RS  
2021

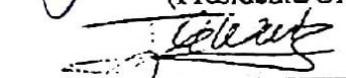
Myllenz Camargo de Oliveira

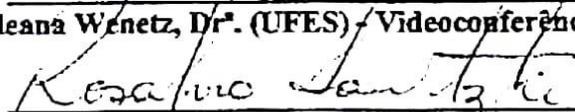
## EQUIDADE DE GÊNERO NA FORMAÇÃO DOCENTE EM EDUCAÇÃO FÍSICA

Artigo apresentado ao Curso de Especialização em Educação Física Escolar, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM/RS) como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Educação Física Escolar.

Aprovado em 04 de outubro de 2021:

  
Angelita Alice Jaeger, Dr.<sup>a</sup> (UFSM)  
(Presidente/Orientadora)

  
Heana Wenez, Dr.<sup>a</sup> (UFES) - Videoconferência

  
Rosalvo Luis Sawitzki, Dr. (UFSM) - Videoconferência

## RESUMO

### EQUIDADE DE GÊNERO NA FORMAÇÃO DOCENTE EM EDUCAÇÃO FÍSICA

AUTORA: Myllena Camargo de Oliveira

ORIENTADORA: Angelita Alice Jaeger

Objetivamos explorar as possibilidades em produzir práticas educativas alinhadas com a equidade de gênero na formação docente em Educação Física, sobretudo, nas disciplinas de esportes coletivos. Realizamos uma pesquisa qualitativa do tipo exploratória, que contou com a participação de 41 estudantes oriundos de 4 disciplinas de esportes coletivos de um curso de licenciatura em Educação Física. As fontes de pesquisa foram produzidas a partir de grupos focais e entrevistas, ambas gravadas em um dispositivo digital, transcritas na íntegra e submetidas à análise de discurso foucaultiana com auxílio do software Nvivo 12. Os resultados indicam diferentes possibilidades para produzir práticas educativas alinhadas à equidade de gênero, recrutando o engajamento da instituição, a reformulação curricular, a didática dos/as docentes formadores/as e a atuação dos/as futuros/as professores/as como dispositivos para elaborar saberes comprometidos com a equidade de gênero nas aulas. Ainda, os/as acadêmicos/as enunciam fragilidades na formação para produzir ações que promovam a equidade de gênero em suas futuras atuações profissionais, cenário que reafirma a necessidade da formação docente ressignificar suas práticas educativas, metodologias e saberes de modo a questionar os cânones esportivos e arquitetar uma educação física que considere as múltiplas experiências e potencialize as aprendizagens de todos e todas.

**Palavras-chave:** educação física; equidade de gênero; formação docente; prática educativa.

## **ABSTRACT**

### **GENDER EQUITY IN THE TRAINING OF PHYSICAL EDUCATION TEACHERS**

**AUTHOR:** Myllena Camargo de Oliveira  
**ADVISOR:** Angelita Alice Jaeger

The aim of this study was to explore the possibilities of producing educational practices aligned with gender equity in the training of Physical Education teachers, especially in the team sports disciplines. A qualitative exploratory research was carried out, with the participation of 41 students from 4 team sports disciplines from a degree course in Physical Education. The research sources were produced from focus groups and interviews, both recorded on a digital device, transcribed in full and submitted to Foucault's discourse analysis using the Nvivo 12 software. The results indicate different possibilities to produce educational practices aligned with gender equity, relying on the engagement of the institution, curriculum reformulation, the didactics of the teacher trainers and the performance of the future teachers as devices to build a knowledge that is committed to gender equity in the classroom. Also, students enunciate weaknesses in training to produce actions that promote gender equality in their future professional activities, a scenario that reaffirms the need for teacher training to reframe their educational practices, methodologies and knowledge in order to question the sports canons and design a Physical Education course that considers the multiple experiences and enhances the learning of everyone.

**Key-words:** physical education; gender equity; teacher training; educational practice.

## SUMÁRIO

<b>1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....</b>	<b>8</b>
<b>2 PERCURSOS METODOLÓGICOS.....</b>	<b>10</b>
<b>3 RESPONSABILIDADES INSTITUCIONAL E DOCENTE NA PRODUÇÃO DA EQUIDADE DE GÊNERO.....</b>	<b>12</b>
<b>4 A RESPONSABILIDADE DOS/AS FUTUROS/AS PROFESSORES/AS NA EQUIDADE DE GÊNERO.....</b>	<b>17</b>
<b>5 A EQUIDADE DE GÊNERO NA ESCOLA NA PERSPECTIVA DOS/AS FUTUROS/AS PROFESSORES/AS.....</b>	<b>20</b>
<b>6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>24</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>26</b>

## 1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Os Jogos Olímpicos realizados em Tóquio em 2021 colocam em cena a queda no investimento esportivo brasileiro em 47% desde a edição anterior<sup>1</sup>. Pela primeira vez, o país envia uma delegação com um número mais equilibrado de atletas mulheres e homens. Entretanto, persiste a distribuição desigual de recursos, como denuncia em redes sociais a atleta Formiga<sup>2</sup>, volante da seleção brasileira de futebol. Todavia, acompanhamos via televisão e internet a enunciação dos jogos da diversidade, desde a cerimônia de abertura, em razão da participação de um número mais igualitário de homens e mulheres, do acendimento da pira olímpica por uma mulher tenista japonesa negra e filha de imigrantes e da edição com mais atletas LGBTQIA+<sup>3</sup> na história das olimpíadas. Além disso, os jogos também foram palco para manifestações contra a sexualização dos corpos das mulheres no esporte, uma vez que algumas desafiaram o padrão das vestimentas reivindicando a possibilidade de poder escolher roupas mais confortáveis e adequadas à prática esportiva<sup>4</sup>. Vimos ainda, atletas se manifestarem nas suas redes sociais em favor da diversidade e contra qualquer tipo de discriminação, ações que são possíveis em razão das lutas feministas que borram fronteiras geográficas e se multiplicam, principalmente, no território digital.

O ativismo das mulheres nas redes sociais produz múltiplos efeitos, entre os quais destacamos a busca pela autonomia sobre seus corpos (BOGADO, 2018) e as denúncias de assédio (COSTA, 2018). Efeitos esses que produziram um movimento que vem sendo chamado de a quarta onda feminista, uma vez que essa onda tem possibilitado um avanço e um engajamento singular sobre as discussões de gênero nas mais diferentes instâncias sociais (HOLLANDA, 2018). Entendemos gênero como uma categoria analítica, como nos ensinou Scott (1995), coligada à perspectiva butleriana que propõem que “os corpos performatizam gêneros a partir de uma estrutura de repetição” (RODRIGUES, 2015, p. 21). Implodir a linearidade produzida entre sexo/gênero/sexualidade, desmonta a heterossexualidade e faz ruir a polarização entre masculinidade e feminilidade, permitindo que os sujeitos sejam entendidos como plurais. A autora aponta para os efeitos da discursividade na generificação dos corpos, os

---

<sup>1</sup> Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/sociedade/o-incentivo-ao-esporte-precisa-ir-alem-das-olimpiadas/>. Acesso em: 06.08.2021.

<sup>2</sup> Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CR6pOU1rApg/>. Acesso em: 06.08.2021.

<sup>3</sup> Disponível em: <https://www.terra.com.br/esportes/jogos-olimpicos/jogos-da-diversidade-olimpiada-de-toquio-bate-recorde-de-atletas-lgbtqia.a4d79b1f25445cc0a2f650beb25e25e2gc3g08v2.html>. Acesso em: 06.08.2021.

<sup>4</sup> Disponível em: <https://brasil.elpais.com/esportes/jogos-olimpicos/2021-07-25/a-desculpa-feminina-nos-jogos-olimpicos-e-a-eterna-polemica-sobre-como-as-atletas-se-vestem-maquiam-e-penteiam.html>. Acesso em: 06.08.2021.

quais carecem de reiterada performatividade para serem materializados como homens ou como mulheres (BUTLER, 2000; BUTLER, 2016).

As reverberações desses movimentos ganharam repercussão mundial nas manifestações das mulheres e da população LGBTQIA+ no Jogos Olímpicos, mas não ficaram restritas ao nível global, impactaram e impactam também na esfera local, especificamente, no curso de Educação Física – Licenciatura. Na última década, pipocaram pesquisas apontando que abordagens referentes as relações entre gênero e práticas corporais fazem parte do currículo e das discussões em aula (PRADO, 2020; MORAES *et al.*, 2020; VOSER, 2018). Contudo, as aprendizagens acerca das relações de gênero ainda são confusas, o conceito de gênero muitas vezes é associado às diferenças biológicas do corpo e há uma lacuna entre aquilo que se aprende na graduação e o que se encontra na prática profissional (VASCONCELOS; FERREIRA, 2020). A escassez dessas discussões e conhecimentos durante a formação docente produz múltiplos efeitos na atuação profissional em momentos que o/a professor/a mostra-se inseguro/a e despreparado/a para trabalhar nessa perspectiva na escola (FREITAS; SOUZA JR., 2020). Ou ainda, quando não tensiona as concepções estereotipadas de gênero, reproduz práticas excludentes, não intervém quando os meninos exercem relações de poder ou até mesmo quando ensinam o esporte com um viés fortemente competitivo direcionado ao resultado (MARTINS *et al.*, 2020).

Assim, a atuação de professores/as na educação física escolar acontece como um efeito do impacto da formação profissional, seja na reprodução dos conteúdos, práticas e/ou silenciamentos que ocorrem na formação docente. Muitas vezes, os cursos que formam professores/as estão mais preocupados com a formação técnica do esporte do que tensionar e transformar as desigualdades sociais (SILVA; QUEIRÓS, 2018). O tratamento pedagógico dos esportes se restringe, muitas vezes, aos conhecimentos técnicos e de rendimento, incentiva uma formação para detectar capacidades e habilidades esportivas e pouco se interessa pelas relações desiguais entre homens e mulheres no esporte, produzindo uma perspectiva semelhante para os/as futuros/as professores/as (FP) (GRAU; FLINTOFF, 2012).

Pesquisa realizada em um curso de Educação Física – Licenciatura que fez ouvir os/as estudantes, objetivando compreender as relações de gênero, poder e resistências que emergiam entre eles/as nas aulas de esportes coletivos identificou que no decorrer da formação docente as características do cânone esportivo são reproduzidas, privilegiando a masculinidade dominante e as habilidades esportivas dos/as FP (OLIVEIRA, 2020). Assim, torna-se necessário ressignificar as estratégias e práticas educativas realizadas pelos/as docentes formadores (DF) em Educação Física de modo a entender a generificação dos corpos no esporte, traduzindo-as

paras as aulas de conteúdo esportivo. Ao fazer isso, é fundamental reconhecer a história desigual entre homens e mulheres no esporte e construir práticas educativas alinhadas à equidade de gênero desde a formação docente para que, assim, possa produzir efeitos no contexto escolar. Entretanto, nota-se que há uma lacuna na produção científica que aponte estratégias para boas práticas educativas no que diz respeito às relações de gênero (PARRI; CECILIANI, 2019).

Por equidade de gênero na Educação Física, entendemos enquanto um conceito que se diferencia de igualdade de oportunidades, pois este não garante a mesma forma de acesso às aprendizagens, tampouco resolve as desigualdades sociais e culturais que se apresentam no espaço educativo. Nesse sentido, considerar a equidade significa ir além e reconhecer que os pontos de partida de alunos e alunas são diferentes, repensar constantemente se as práticas educativas estão sendo justas, entender que adequar uma parte da aula não significa necessariamente garantir os mesmos direitos (BOTELHO-GOMES; SILVA; QUEIRÓS, 2000). Então, é necessário que os/as docentes formadores (DF) confirmem e corrijam a todo tempo “o programa oficial, os conteúdos, as atividades, os métodos de ensino, os equipamentos e as condições, com os quais e nas quais ensinam” para, de fato, trabalhar com as necessidades dos alunos e das alunas e com promoção equitativa de direitos. (BOTELHO-GOMES; SILVA; QUEIRÓS, 2000, p. 43). Não obstante, constantes reflexões atreladas a ações na formação docente como evitar a reprodução de estereótipos de gênero, rever os preconceitos, utilizar métodos de ensino dos esportes que enfoquem a compreensão tática e ouvir os/as estudantes constituem-se em ações potentes para possibilitar a equidade de gênero (PARRI; CECILIANI, 2019). Vale sublinhar que a equidade de gênero não se produz de modo isolado na formação docente em Educação Física. É necessário romper com as assimetrias entre homens e mulheres e buscar a equivalência de direitos com os movimentos feministas, de modo a transformar a sociedade nas mais diferentes instâncias (ALVES, 2016).

Assim, objetivamos explorar as possibilidades em produzir práticas educativas alinhadas com a equidade de gênero na formação docente, sobretudo, nas disciplinas de esportes coletivos.

## **2 PERCURSOS METODOLÓGICOS**

Essa pesquisa<sup>5</sup> é produzida pela abordagem qualitativa que considera o contexto pesquisado como princípio da investigação e interpretação, o qual está inserido em uma dada

---

<sup>5</sup> O projeto de pesquisa foi aprovado pelo Comitê de Ética da UFSM sob o número 18021219.2.0000.5346.

conjuntura política, social e cultural (CRESWELL, 2014), e do tipo exploratória que objetiva aprimorar ideias, aprofundar o problema e viabilizá-lo de modo mais esclarecedor possível (GIL, 2002).

A pesquisa foi realizada em curso de Educação Física-Licenciatura de uma universidade federal do interior gaúcho brasileiro, especificamente, nas disciplinas de basquetebol, voleibol, handebol e futebol. A amostra foi composta de 41 estudantes matriculados/as que aceitaram livremente participar da pesquisa assinando o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

Para produzir as fontes de pesquisa, foram realizados 4 grupos focais com estudantes selecionados/as a partir de um convite realizado em cada turma, em que 25 estudantes ao todo manifestaram interesse. Foram realizados nos meses de novembro e dezembro de 2019, sendo um de cada disciplina, privilegiando a interação entre os/as participantes a partir de um roteiro de perguntas disparadoras (BARBOUR, 2009). Em seguida, foram realizadas entrevistas não-estruturadas com 16 estudantes, entre os/as quais 11 foram selecionados/as do mesmo modo que os/as participantes dos GF e 5 selecionados/as intencionalmente. Foram 4 entrevistas de cada disciplina, ocorridas no mês de dezembro de 2019. As entrevistas seguiram um roteiro de perguntas semiestruturadas de modo a responder o objetivo da pesquisa, mas com o intuito de analisar as experiências das/os participantes por meio do diálogo entre a pesquisadora e o/a participante (MARCONI; LAKATOS, 2003). Tanto as discussões realizadas nos grupos focais quanto as entrevistas foram gravadas em um dispositivo digital, transcritas na íntegra e, posteriormente, encaminhadas aos participantes da pesquisa para aprovação do conteúdo.

As fontes de pesquisa resultaram em 140 páginas digitadas, as quais foram organizadas e analisadas com o auxílio do *software* Nvivo12 e submetidas a análise de discurso *foucaultiana* (FOUCAULT, 2014; 2008). Desde essa perspectiva, entendemos o discurso como um conjunto de enunciados que podem ser gestos, escritos, palavras, falas, silêncios etc. produzidos em uma determinada situação e não em outra (FOUCAULT, 2008). Também, o discurso é permeado por relações de poder que circulam e são exercidas em todo o momento, por diferentes sujeitos e com objetivos múltiplos. Portanto, o poder não atua apenas como negativo ou repressivo, mas também como positivo no sentido que produz saberes (FOUCAULT, 2018). Além disso, nos interessa os efeitos dos discursos que podem formar outros enunciados, que reproduzem ou rompem com os discursos tidos como verdadeiros (FOUCAULT, 2014). A partir desses entendimentos, os resultados foram organizados em categorias de análise que serão discutidas à luz do referencial teórico.

### 3 RESPONSABILIDADES INSTITUCIONAL E DOCENTE NA PRODUÇÃO DA EQUIDADE DE GÊNERO

A imersão nas fontes de pesquisa possibilitou enxergarmos diferentes sugestões enunciadas pelos/as FP, as quais movimentaram as discussões dos grupos focais e produziram inquietações nos/as entrevistados/as. Os resultados apontam que a instituição e os/as DF do curso de Educação Física são apontados pelo FP como os principais responsáveis pela promoção da equidade de gênero durante o processo formativo. As ações da instituição, a estrutura curricular, a didática e metodologias empregadas pelo/a docente das disciplinas de esportes coletivos fizeram parte dos discursos dos/as FP ao serem questionados/as sobre o que é possível fazer para que as relações entre eles/as na formação docente sejam mais equitativas. Os trechos a seguir indicam preocupação dos/as estudantes em relação ao que a instituição e o currículo promovem. Vejamos:

“É que a gente deveria ter alguma cadeira [disciplina] aqui [...] sabe? Que abordasse um pouco isso, pra gente saber até o que fazer sabe? Porque eu não penso muitas alternativas, eu paro assim e não penso em muitas alternativas além de misturar todo mundo sabe? Porque as vezes [...] a gente tenta melhorar uma situação e acaba criando outra, e isso é bem complicado” (Alana – Entrevista Basquete).

“Reformulação curricular e várias coisas na verdade. [...]. Então, tipo se não tem uma reforma institucional, não tem uma reforma de ensino nem uma reforma da Educação Física. Não se tem o movimento renovador, não se tem um outro tipo de professorado, não se tem nada, se não partir primeiramente da instituição.” (Carlos – GF Basquete).

“Talvez aqui no nosso centro seria mais palestras sobre isso, oficinas, oficinas bastante práticas né? Práxis.” (Laís – GF Voleibol)

O curso em que a pesquisa foi realizada tem uma disciplina<sup>6</sup> curricular obrigatória que discute, entre outras questões, as relações de gênero na Educação Física. Contudo, observamos que ainda não é suficiente, uma vez que essa questão deveria atravessar todas as disciplinas curriculares para produzir em efeitos na prática pedagógica dos/as FP. Outras instituições brasileiras que possuem poucas disciplinas que abordam gênero na Educação Física apresentam fragilidade, despreparo e dificuldades em tensionar estereótipos e reduzir práticas excludentes (ARAÚJO; DEVIDE, 2019). Ao solicitarem a reformulação curricular com mais disciplinas e ofertas de palestras e oficinas sobre a temática em tela, é possível perceber que os/as estudantes desejam que a instituição como um todo esteja engajada na transformação das relações de gênero desiguais e não acreditam que uma disciplina seja a única responsável. Assim, que a instituição avance, de fato, para perspectivas posteriores ao movimento renovador da Educação

---

<sup>6</sup> A disciplina é intitulada Antropologia do Movimento, cuja ementa menciona as relações entre cultura, gênero e Educação Física. Disponível em: <https://portal.ufsm.br/documentos/publico/documento.html?id=8789263>

Física, ocorrido na década 1980 (BRACHT, 1999), de modo que possa sair do ensino puramente técnico dos conteúdos, baseado unicamente nas ciências biológicas (MANOEL, 2015) e incorpore práticas educativas alinhadas com as compreensões culturais do sujeito e do ensino dos esportes e da Educação Física (DAOLIO, 2015). Esta perspectiva, então, torna possível o início de um caminho comprometido com a equidade de gênero na formação docente, pois permite uma aproximação com os conhecimentos de que as aprendizagens esportivas são construídas por meio de oportunidades de movimento que os sujeitos são submetidos (GOELLNER, 2010).

No interior da responsabilidade institucional, os/as docentes das disciplinas de esportes coletivos, *locus* da investigação, foram citados/as como os/as principais responsáveis em promover ações voltadas à equidade de gênero. Para que isso ocorra, os/as participantes enunciaram diferentes aspectos, que juntos, constituem a didática<sup>7</sup> do/a professor/a. Vejamos algumas sugestões que podem ser incorporadas às aulas:

“[...] Sobre essa questão, buscando a história e os direitos já, e já puxando pro esporte, pra Educação Física vendo, não sei, botando alguns exemplos de atletas que conquistaram Olimpíadas e tal.” (Heloísa – Entrevista Futebol).

“Eu acho que isso é uma questão mais voltada pra metodologia né? Do professor que tá regendo a disciplina né? É, por exemplo, nas aulas do (...), quando vai dar algum exemplo, ele sempre pega os guris que sabem mais sabe? Obviamente. Tipo nunca solicita ajuda de alguma guria ou de alguém que tem dificuldade entende? Então acho que vai muito da questão do pensamento e da metodologia do professor realmente de proporcionar com que todos tenham uma atuação de igual pra igual sabe? Que abra espaço pra isso, que de maior visibilidade pra isso né?” (Soraia – Entrevista Handebol).

Os resultados oriundos dos grupos focais e entrevistas destacam a exposição de mulheres atletas que são ícones esportivos como uma estratégia importante para promover a equidade de gênero, uma vez que mulheres atletas são citadas como exemplo em aula, passam a fazer parte de um carrossel de inspirações para outras meninas e mulheres. Além disso, as alunas chamam a atenção para o fato de elas serem ignoradas pelos/as docentes quando alguém é requisitado para servir de modelo para a turma. Utilizar estratégias que visibilizem mulheres no decorrer das aulas, sejam elas atletas de renome ou alunas para servirem de exemplo, possibilita rachar a estrutura do esporte enquanto um espaço dos homens e, também, rompe com a ideia de uma representação única de corpo feminino e estimula novas formas e sentidos de viver as feminilidades (MARTINS *et al.*, 2020). Ao chamar somente os homens mais habilidosos para ocupar a posição de exemplo para um movimento na aula acaba por reforçar

---

<sup>7</sup> Entendemos didática no campo da Educação Física como “a organização dos conteúdos e procedimentos de ensino que toma corpo em situações de aprendizagem [...] que depende dos objetivos e das estratégias pedagógicas adotadas na disciplina considerada” (PARLEBAS, 2016, p. 113).

o esporte enquanto um lugar de expressão da masculinidade dominante (BRITO; SANTOS, 2013).

As fontes de pesquisa também enunciam intervenções a serem realizadas durante as aulas e que atuam para potencializar as aprendizagens de todos/as. Vejamos:

“Isso, esses de passar a bola, de passar pra todo mundo, o ponto só valer se teve interação tanto das gurias quanto dos guris acho que é uma boa também.” (Alice – Entrevista Voleibol).

“Eu acho que a gente, primeiro, a gente pode começar, como eu falei, fazendo times mistos, como é jogos coletivos, times mistos e dando oportunidades pras mulheres, oportunidades para os homens também entendeu? [...]. (Alana – Entrevista Basquete).

“[...] parar o jogo pra falar "ah vocês não tão passando a bola pras meninas". [...]. Acho que seria importante que os professores pudessem comentar e fazer um debate com a turma sobre a questão de igualdade de gênero.” (Heloísa – Entrevista Futebol).

“Ou mesmo o professor entender o porquê não quer participar né? Saber se adaptar a situação e não "vai lá jogar" ou "tá, fica aí".” (Rael – GF Futebol).

As estratégias para a inclusão de todos/as nas atividades propostas, os procedimentos para alcançar os objetivos esportivos como a forma para atingir a meta e manter a posse de bola e o cuidado para formar as equipes de modo misto com homens e mulheres são fundamentais, mas não são suficientes porque por si só não resolvem as desigualdades. É necessário que o/a docente esteja atento/a para identificá-las durante os jogos e não incentivar o silêncio que contribui para a perpetuação dessa realidade, mas discutir sobre as relações de gênero que emergem. Práticas educativas alinhadas com essas perspectivas emergem a partir de um modelo coeducativo, o qual exige refletir crítica e constantemente sobre elas (BOTELHO-GOMES; SILVA; QUEIRÓS, 2000). Um estudo que contou com a participação de diversos países europeus e norte-americanos indica que a justiça social precisa ser discutida na formação de professores/as de Educação Física no sentido de diminuir as injustiças entre gênero, raça, classe, trabalhando equitativamente. Isso começa por reconhecer as desigualdades e entender que cada estudante tem um ponto de partida diferente, portanto, devem ser tratados nas suas diferenças (HILL *et al.*, 2018). Em contraponto, o silenciamento docente contribui para a permanência do afastamento de determinados/as estudantes, ao mesmo tempo que hierarquiza identidades, privilegiando aquelas que se enquadram na heteronormatividade, as quais exercem o poder mais frequentemente, ação que exime a atuação docente de modo democrático (GARCIA; BRITO, 2018).

Outro ponto relevante enunciado pelos/as FP é a forma como é realizada a avaliação das disciplinas sendo centrada no produto do rendimento esportivo. Como alternativa propõem avaliar os processos de aprendizagens, requisito que se configura com uma importante ação

para considerar os saberes produzidos por todos e todas:

“Eu acho que a questão de evolução e resultado sabe? Pegar um antes e depois. [...] por exemplo, chega na prova prática ali, eu não tenho o domínio do drible, aí erro e 5, exame. É ruim, é horrível. Aí pega pelo outro lado, "ah ele chegou do zero, não sabia nada, e olha o tanto que ele evoluiu, ele não consegue jogar a bola longe, mas evoluiu".” (Luiz – GF Handebol).

Esses excertos mostram que os/as FP rejeitam uma avaliação baseada no desempenho esportivo e afirmam a produtividade das avaliações diagnóstica e formativa. A avaliação diagnóstica é fundamental para identificar o estado de conhecimentos dos/as estudantes e é o primeiro passo para se distanciar de uma avaliação autoritária que os/as classifica (LUCKESI, 2002). A partir disso, a avaliação formativa ocupa a cena do processo de aprendizagem, identificando o progresso de cada estudante de modo singular (BOAS, 2001). Essas avaliações possibilitam a transformação social e estão alinhadas com a democracia, abandonando a seleção e a exclusão (LUCKESI, 2002; BOAS, 2001). Assim, realizá-las no curso de formação de professores/as de Educação Física, significa estabelecer o compromisso com as transformações das relações de gênero, caminhando para a equidade entre os/as FP, de modo que seus efeitos sejam observados nas suas práticas educativas escolares.

O modo como os saberes são produzidos no processo formativo é questionado pelos/as FP. Mencionam que em um curso de Educação Física o foco não é formar atletas, mas forjar professores/as. Vejamos o exemplo de um excerto enunciado por uma FP:

“[...] porque não é que tu tá num curso de EF que tu sabes jogar, obrigatoriamente, tu tá ali pra aprender e pra poder passar né? Sem contar que tu tá sendo um professor, tu tá aqui pra se formar um professor, não pra jogar um esporte. [...] Não pra ser um atleta, então acho que seria importante frisar essas questões de como transmitir o conhecimento para o aluno, e não se destacar como um atleta, um melhor da turma e focar na competição em si.” (Beatriz – Entrevista Voleibol).

A competição nos esportes de rendimento, não raras vezes, constitui as aulas das disciplinas de esportes coletivos na formação inicial, e se torna um aspecto excludente na aquisição dos conhecimentos. Primeiro, porque não permite que todos/as aprendam a ensinar e adquirir conhecimentos e habilidades (BOTELHO-GOMES; SILVA; QUEIRÓS, 2000). Segundo, porque a competitividade exacerbada e os valores que a acompanham é um elemento de afirmação da masculinidade utilizados para justificar a presença única dos homens no campo esportivo (DEVIDE, 2005). Então, na formação docente somente alguns homens que exercitam essa competitividade acessam os conhecimentos do conteúdo, todavia centrados em saberes técnicos, enquanto a maioria das mulheres e, também, alguns homens têm essas ricas oportunidades furtadas do seu carrossel de aprendizagens.

Os achados das fontes de pesquisa mostram que o curso de licenciatura onde essa investigação foi produzida ainda possui muita proximidade com o ensino técnico dos conteúdos esportivos e que os/as participantes indicam a necessidade de repensar a formação de professores/as. Essa realidade se aproxima de um estudo realizado na Noruega em que os/as DF possuem uma identidade profissional vinculada com a prática esportiva, aptidão física e desempenho físico, identificando-se como treinadores/as dos/as estudantes e posicionando os discursos em torno da área da educação, pedagogia e relações de gênero como pouco importantes ou restritos as disciplinas não esportivas, indicando que a organização curricular do curso contribui para reforçar esses discursos polarizados (DOWLING, 2006). Entretanto, não basta o curso de formação de professores/as de Educação Física promover o processo de aprendizagem apenas no ensinamento da dimensão técnica dos conteúdos, é necessário que as dimensões político-sociais e humanistas constituam a prática educativa (PAIXÃO *et al.*, 2018).

A partir desses diferentes fragmentos de fontes de pesquisa trazidos à luz do referencial teórico, percebemos que trabalhar com a promoção da equidade de gênero não é uma tarefa fácil, tampouco se restringe a um ponto ou outro da aula. É necessário que a instituição, o currículo e os/as DF responsáveis pelas disciplinas de esportes coletivos ressignifiquem suas práticas educativas, produzindo uma rede de ações que privilegiem e ampliem discussões sobre as relações de gênero, colocando em cena as abordagens pedagógicas críticas, atentando e destacando as relações desiguais que emergem nas aulas repetidamente, intervindo sempre que as oportunidades de práticas hierarquizarem e classificarem alunos/as, reduzindo a competitividade exacerbada, estimulando a formação de equipes mistas, recorrendo às avaliações não seletivas e excludentes e ensinando os conteúdos nas suas diferentes dimensões.

Na esteira dessas ideias, entendemos que os/as estudantes da formação inicial podem aprender a dimensão do/a ser professor/a e da sua implicação com a formação integral do ser humano nas suas futuras atuações profissionais. Para isso, é preciso que os/as FP vivenciem aulas com procedimentos didáticos-pedagógicos equitativos, conheçam alternativas metodológicas, novas práticas educativas e não obstante, que questionem os cânones esportivos excludentes que privilegiam os homens, ações que tornam possível caminhar rumo a equidade de gênero. Entretanto, questionamo-nos se o engajamento da instituição e dos/as DF são altamente suficientes para romper com as desigualdades que operam nas aulas e o que mais poderia contribuir para a equidade de gênero nas aulas. Possíveis delineamentos sobre essa reflexão são encontradas nas discussões a seguir.

#### 4 A RESPONSABILIDADE DOS/AS FUTUROS/AS PROFESSORES/AS NA EQUIDADE DE GÊNERO

Os resultados das entrevistas e dos grupos focais trazem discursos que posicionam a atuação dos/as FP como fundamentais no processo de construção da equidade de gênero na formação inicial. Se a instituição, o currículo e os/as DF precisam ressignificar suas metodologias e práticas educativas, os/as FP podem acionar e/ou contribuir com a construção de novos saberes. Apresentam-se como agentes centrais no processo formativo comprometido com uma educação humana. Assim, emergiram enunciados que indicam ações que colaboram com a prática educativa alinhada com a equidade de gênero, partindo de si mesmos. Vejamos:

“Olha, no final do semestre passado, as gurias, a gente já tava muito irritada com os guris, e a gente conversou com eles, mas não foi uma conversa só, foram vários dias repetindo. Eu acredito que a conversa seja um bom caminho de início assim, porque eu acredito que esse semestre já foi diferente pra gente, que a gente já conseguiu mais se integrar [...]. Eu acredito que pelo menos na nossa turma, um caminho foi a conversa.” (Maise - Entrevista).

“Por favor, não me entendam errado, não é uma crítica e eu entendo o porquê, mas creio que exista pouco e se ocorresse com mais frequência também poderia ser uma alteração nesse cenário, mas acho que pouco empoderamento por parte de quem não participa, de quem é escanteado. [...] Então acredito que, não que deva ser o ideal, porque acho que tem outras formas de alcançar uma prática conjunta, mas é uma maneira de se existir essa participação.” (GF Futebol – Enzo).

“Eu acho que, por exemplo, na nossa turma já tem bastante mulheres que impõem, mas eu acho que falta as outras se juntarem a gente, pra gente conseguir que seja 100% igual sabe? Porque tá melhorando, mas ainda não tá como a gente gostaria.” (GF Voleibol – Michele).

Entre as sugestões manifestadas, notamos que os/as FP destacam o diálogo entre eles/as como um ponto de partida, como mostra o exemplo de uma estudante que relata que isso funcionou com sua turma. A situação ocorrida se conduz como um “encontro em que se solidarizam o refletir e o agir de seus sujeitos endereçados ao mundo a ser transformado e humanizado” (FREIRE, 1987, p. 51). Neste encontro estabelecido pelo diálogo, é necessário que a turma reflita a realidade historicamente desigual de homens e mulheres no campo esportivo (DEVIDE, 2005), de modo que possam se distanciar dos estereótipos culturalmente produzidos, afirmados desde a Educação Física na escola (ALTMANN, 2015) e reproduzidos na formação docente. Assim, a ação coletiva é fundamental para transformar as relações desiguais vividas em aula.

No entanto, notamos que os enunciados priorizam a atuação das mulheres a partir do empoderamento que, conforme Berth (2019, p. 19) diz respeito a “um instrumento de transformação social” que passa por diferentes processos, entre os quais se destaca a tomada de

consciência do lugar social e político que ocupa para conseguir produzir estratégias para enfrentar os sistemas de dominação e ir em busca da emancipação coletiva, saindo da posição de subalternidade. Ao encontro dessas ideias, a teorização de lugar de fala discutida por Ribeiro (2017) possibilita questionar conhecimentos universais e hierárquicos, a partir do rompimento daquilo que mais limita a transformação do sujeito, o silêncio. Ao existir a voz de sujeitos historicamente discriminados, potencializa a produção de outros saberes que esculpem um novo território. Portanto, os/as FP podem reconstruir relações de modo equitativo entre eles/as a partir do empoderamento e da existência das vozes daqueles/as que experienciam desigualdades.

Nesse caminho, as fontes de pesquisa enunciam que é peça central a percepção dos colegas homens na responsabilização pelo envolvimento na transformação das relações vividas em aula, como mostram os excertos a seguir:

“Também é uma coisa meio complicada porque não adianta só o professor fazer alguma coisa, se os colegas não ajudam. Tão ali escutando, mas parece que entra aqui e sai ali, não faz questão de refletir, tentar mudar, e perceber as próprias ações pra ser diferente.” (GF Futebol – Bianca).

“E também não só nós mulheres, que os meninos também vejam que precisam mudar. Eu acho que é umas ações assim.” (GF Voleibol – Betina).

Esses excertos indicam que se antes os/as FP apontam a atuação dos/as DF como o ponto central, agora salientam que isso não basta. É necessário que os colegas homens estejam engajados em transformar as relações e se reconheçam como produtores e reprodutores das desigualdades que acontecem na formação docente. Esse cenário nos mostra que mesmo nas disciplinas de um curso de formação de professores/as, a aprendizagem de conteúdos esportivos continua incorporando e fortalecendo a produção da masculinidade hegemônica, marcada por relações hierárquicas entre os homens e as mulheres (CONNELL, 1990), atuando na reafirmação de que é uma instância que [não só] estrutura as relações de gênero (WHITSON, 1990), como reforça e alimenta estereótipos. Os sujeitos que trabalham para manter a masculinidade hegemônica ponderam e garantem os seus privilégios, incluindo a exclusão de outros sujeitos que não a performam e negando outras formas de viver a masculinidade (CONNELL, 1990). Então, é preciso que os FP reconheçam outras masculinidades de modo que seja possível rejeitar a exclusão de sujeitos que se afastam da masculinidade referente, valorizando todas as performances de gênero e agindo na promoção da equidade no processo formativo para que todos e todas possam acessar os saberes que constitui o campo da Educação Física.

Nesse caminho, outro ponto importante que emergiu dos resultados da pesquisa e que não pode passar despercebido se refere a compreensão de que os/as DF e os/as FP têm saberes formativos diferentes. O excerto a seguir reconhece esse contraste e sugere possibilidade para transformá-lo, vejamos:

“É que tipo é difícil dizer sabe? Porque cada professor tem um método diferente de dar aula e tipo, ele não vai mudar de uma hora pra outra. O que a gente pode fazer é dar um conselho, falar sobre isso sabe? Eu acho que é isso. E a gente, como futuros professores, a gente tem que saber entendeu? Que isso não pode existir, que a gente tem que saber incluir, coisas assim sabe?” (Gabriela – Entrevista Handebol).

Os/As FP compreendem que os/as DF possuem suas formas de ensinar, resultado de uma formação continuada que se vê desafiada pela realidade em curso. Porém, algumas dessas metodologias não possibilitam uma educação equitativa, pois conversam com a dimensão técnica dos conteúdos atrelada aos princípios de seleção, competição exacerbada e valorização do gesto técnico, cujas performances não acolhem a maioria dos discentes, mas sim, excluem muitos/as estudantes. Vale salientar que para uma educação física promover a equidade de gênero não significa excluir as técnicas esportivas, mas considerá-las também pela via da criatividade e expressividade, que resulta em movimentos singulares de cada sujeito (BOTELHO-GOMES; SILVA; QUEIRÓS, 2000), perspectiva que perpassa a compreensão do corpo enquanto produto social, cultural e histórico (GOELLNER, 2008). Contudo, se os/as DF não consideram os processos de ensino e aprendizagem nessas perspectivas, os/as FP indicam a possibilidade de eles/as requisitarem e sugerirem aos/as DF estratégias equitativas. Essas ações se aproximam com a perspectiva de que o/a professor/a também aprende com o/a aluno/a e isso é possível a partir do afastamento do/a DF de uma concepção de educação tradicional sustentada na mera transmissão e acumulação dos conhecimentos e, ao mesmo tempo, na aproximação de uma compreensão que o/a aluno/a é também um produtor de saberes (CANARIO, 2006). Assim, que os/as DF e os/as FP estejam concomitante e mutuamente envolvidos/as numa constante aprendizagem.

A partir das análises realizadas, o cenário que se apresenta na formação docente diz muito sobre as ações que serão exercidas pelos sujeitos envolvidos no processo formativo. Nesta pesquisa, a tomada de consciência pelos/as FP, a coexistência das diferentes vozes, o empoderamento das mulheres, a sensibilização pela realidade dos/as colegas e a compreensão de que a aprendizagem ocorre reciprocamente entre professor/a e aluno/a despontam como ações potentes para ressignificar o encontro pedagógico de aulas apoiadas na equidade de gênero. Para tal, é necessário que homens e mulheres estejam engajados/as nessa perspectiva, valorizando o enriquecimento de experiências e a aquisição de saberes no campo da Educação

Física, cujos efeitos serão percebidos em práticas educativas escolares potencialmente equitativas em atuação profissional futura.

## **5 A EQUIDADE DE GÊNERO NA ESCOLA NA PERSPECTIVA DOS/AS FUTUROS/AS PROFESSORES/AS**

Durante a produção das fontes de pesquisa, os/as FP enunciaram diferentes ações para promover a equidade de gênero na Educação Física escolar, *locus* de futura atuação profissional. Ao mesmo tempo, trazem suas intervenções pedagógicas realizadas durante o processo formativo, tanto nas disciplinas de estágios obrigatórios, como em projetos de ensino e extensão promovidos no território escolar. Assim, procuramos perceber ações que os/as FP, ainda inseridos/as na formação docente, entendem que potencializam a promoção da equidade de gênero. Vale salientar que qualquer ação enunciada pelos/as FP se apresenta como um avanço na preocupação com as questões de gênero, em um cenário apresentado que a formação docente pouco contribui para isso e que tem muito a avançar, como visto nas categorias anteriores. Portanto, veremos a seguir algumas ações para a escola enunciadas pelos/as FP:

“Ah trabalhar sempre junto, não separar a turma nunca, por mais que tenha esses esportes que é homem e mulher separado, mas mesmo se for assim também, é que não tem o que fazer muito daí, porque é separado nesses jogos, mas minha aula acho que nunca dividir eles, nunca separar por menina e menino.” (Helena – Entrevista Basquete).

“Eu penso assim que tem que haver uma distribuição igual de meninas e meninos nas aulas pra que todos possam participar e que haja respeito pelas diferenças.” (Maicon – Entrevista Futebol).

A rejeição em separar meninos e meninas nas aulas de Educação Física e distribuí-los/as igualmente nas atividades perpassam grande parte das fontes de pesquisa e consideramos isso enquanto um avanço para a educação física, em uma disciplina que por muito tempo separou discursivamente [e efetivamente] meninos e meninas (DORNELLES, 2007). Essas ações se aproximam das chamadas aulas mistas em que meninos e meninas aprendem no mesmo ambiente sem polarizações (JESUS; DEVIDE; VOTRE, 2008). No entanto, estudos indicam que isso não é suficiente para superar as desigualdades e envolver todos e todas nas aulas (DUARTE; MOURÃO, 2007; UCHOGA; ALTMANN, 2016). Em estudo realizado com o *ultimate freesbe*, esporte que possui como regra a participação mista de meninos e meninas, emergiram diferentes conflitos como a agressividade expressa em jogo pelos meninos, situação que solicitou discussões sobre relações de gênero e acréscimo de outras regras que evitassem mais o contato físico (SILVEIRA; DIAS, 2019). Além disso, reduzir o trabalho com a equidade de gênero a realização de aulas mistas pode produzir uma ilusão de que promover iguais

oportunidades garante o acesso de todos/as aos conteúdos. No entanto, vale salientar que a atenção do FP ao respeito pelas diferenças dos/as estudantes, e mais, a valorização dessas diferenças se constituem como um princípio fundamental para viabilizar a equidade (BOTELHO-GOMES; SILVA; QUEIRÓS, 2000).

Nesse caminho, observamos outras possibilidades, menos frequentes nas fontes de pesquisa, mas que os/as FP entendem como alternativas para promover a equidade de gênero na escola, indo além da formação mista e distribuição igual nas atividades. Vejamos:

“Tá. Buscando da parte teórica né? Estudando e debatendo em aula e partindo pra parte prática também, fazendo alguns jogos tanto de vôlei, futebol e trabalhando mais com brincadeiras, parte com atividades lúdicas também, que dá pra trabalhar juntamente com as meninas e os meninos” (Antônia – Entrevista Handebol).

“eu tento sempre buscar as aulas, pra fazer as aulas nos coletivos, nunca tipo o esporte na essência mesmo, sempre vir com esses pré-desportivos, jogar. Ah! tem essas coisas que eu não sei se é certo ou errado, mas é a única que eu encontro pelo menos, de fazer time misto, de fazer os jogos adaptados, os pré-desportivos e de fazer aquelas coisas de passar por todo mundo a bola.” (Cristiane – Entrevista Futebol).

“Apareceu uma questão dessas na última vez que a gente fez a visita na escola, quando a gente levou a atividade sobre o futsal né? Era uma turma de 7º ano, a gente explicou a atividade que seria minijogos adaptados pro futsal, e chegando na quadra uma das meninas nos abordou e perguntou se ela poderia participar apenas dos minijogos porque ela não gostaria muito de participar do futsal porque diz ela que não tem habilidade suficiente para participar com os outros colegas. E aí a gente falou, ‘não, mas não vai ser o futsal que vocês tão acostumados, vai ser diferente, então todo mundo pode participar’. Ao longo da atividade ela participou e entrou junto na brincadeira, então acho que ela aproveitou bem” (Luana – GF Futebol).

Essas enunciações demonstram maior preocupação com as relações de gênero em aulas de Educação Física e os caminhos que os/as FP compreendem que sejam mais adequados se referem a adaptação do esporte e de suas regras, atividades lúdicas que fogem da competitividade e outras metodologias de ensino de esportes coletivos. Os/As FP demonstram preocupação em se distanciar do esporte tal como é apresentado e realizado nos meios de comunicação em massa, considerando que, a partir desse afastamento, é possível incluir meninos e meninas. Em estudo argentino, os/as FP que estão mais avançados no curso de formação docente, entendem que o ensino do esporte na escola não deva receber o mesmo tratamento do esporte competitivo ensinado em clubes, pois os objetivos são diferentes, contudo, mesmo que a escola trabalhe com a competição, deve ser de modo integrativo (CAMPOMAR *et al.*, 2020).

As habilidades esportivas, comumente, são alvo de preocupações pelos/as diferentes atores/as envolvidos/as no processo educativo. Isso porque, são elas que, muitas vezes, definem a participação dos/as alunos/as nas aulas e operam como limitantes na atuação da maioria das meninas e alguns meninos (OLIVEIRA; JAEGER; ROTH, 2019). Contudo, vale lembrar que

este cenário se apresenta em decorrência das oportunidades de movimento que eles e elas possuem (GOELLNER, 2010). Um estudo brasileiro mostrou que, ao considerar as diferenças de gênero e habilidades entre meninos e meninas, o professor adaptou as regras de esportes e jogos para quem possui menos habilidades ser valorizado/a durante as atividades, sendo possível desenvolvê-las mais facilmente, produzindo assim, cenários que promoveram a equidade de gênero. Neste estudo, o professor pesquisado possui uma formação técnico-esportiva, mas em decorrência dos enfrentamentos de sua atuação profissional, interessou-se e buscou formas para trabalhar com a equidade de gênero (GODOI; BORGES; AYOUB, 2021). Nesse caminho, as experiências docentes tornam-se fundamentais, pois contribuem para que construam constantemente saberes e estratégias a fim de solucionar as dificuldades que emergem no trabalho docente (ABRÃO; BAYSDORF, 2013).

Alternativas que operam no sentido de potencializar as aprendizagens dos esportes, priorizam o entendimento tático do jogo sem evidenciar as diferenças de habilidades esportivas dos/as estudantes, recorrendo às múltiplas metodologias que podem ser recrutadas para o ensino dos esportes coletivos. Nas fontes de pesquisa despontam apenas os minijogos ou jogos condicionados que possibilitam uma participação mais efetiva dos/as alunos/as (BALZANO, 2007). Outro exemplo são *Teaching Games for Understanding*<sup>8</sup> e o *Sport Education*<sup>9</sup>. Porém, um estudo brasileiro identificou que a utilização dessas metodologias não foi suficiente para que as meninas aprendessem os conteúdos, pois, a dominação e poder exercidos pelos colegas se sobressaiu aos aspectos de aprendizagens técnico-táticas. Portanto, os princípios da coeducação devem estar alinhados com as preocupações relacionadas as metodologias de ensino dos esportes coletivos para potencializar, de fato, as aprendizagens de todos/as (MALVAR; SOUZA JR., 2021).

Nesse caminho, um enunciado se refere ao envolvimento de todos e todas nas diferentes atuações que compõem o esporte e aponta como uma possibilidade para as aprendizagens do conteúdo serem mais efetivas. Vejamos:

“[...] os gurus de imediato já excluem ‘porque tu não sabe jogar’, sem ter visto as colegas jogarem. Exemplo disso é que os meus colegas comentaram esses tempos a respeito do PIBID, que as gurias gostavam muito de jogar, só que os gurus nunca deixavam, e aí um dia eles fizeram um planejamento no qual eles tiveram que jogar entre todos sem essa exclusão, e os gurus observaram que tinham colegas muito boas!”

---

<sup>8</sup> *Teaching Games for Understanding* (TGFU) se refere a um modelo de ensino que tem o/a aluno/a como centro do processo de ensino e aprendizagem e é estruturado por princípios graduais que enfocam a compreensão da lógica interna do jogo e a consciência tática (CLEMENTE, 2012).

<sup>9</sup> *Sport Education* é uma proposta que objetiva tratar a competição dos esportes de modo educativo, propondo uma unidade didática que trabalhe com o esporte a partir de suas características institucionalizadas, como a temporada, filiação, cronograma de jogos de campeonato, registro do desempenho, festividade e evento culminante (GONZÁLEZ, 2014).

Algumas inclusive melhores do que eles na atuação ali do jogo. Então eu acho que é possibilitar, por mais que elas não gostem [...] ou planejar alguma coisa, tipo ‘ah agora tu apita ou agora tu ataca ou agora tu fica em tal posição’, enfim, pensar maneiras com que todas participem de fato do jogo. Não precisa ser necessariamente jogando entendeu? Mas entender as outras posições também e abordar questões que as mulheres podem ter atuação né? Tanto quanto árbitra ou juíza, enfim né? Então eu acho que colocar pra jogar mesmo (Camila – Entrevista Handebol).

Durante o processo formativo, os/as FP percebem situações de exclusão das meninas nas aulas e realizam uma estratégia de ensino que contribui para que os/as alunos/as compreendam o esporte não apenas pelo caráter técnico instrumental, mas enquanto um fenômeno esportivo (CARLAN; KUNZ; FENSTERSEIFER, 2012), possibilitando um envolvimento mais efetivo de todos/as ao oportunizar diferentes atuações que constitui o esporte. Para isso, é preciso que o/a professor/a não deixe de ensinar os conteúdos esportivos pela via da técnica, táticas, sistemas de jogos, posições que jogadores/as ocupam, mas que os/as envolvam em outras funções que constitui o esporte, como a comissão técnica, a arbitragem, a cobertura midiática. Ao fazer isso, o/a docente possibilita que todos e todas se envolvam no processo educativo, independente das habilidades motoras, de modo que a atuação não se restrinja ao exercício de um papel secundário no jogo (GONZÁLEZ; FRAGA, 2012). Essas perspectivas potencializam o trabalho comprometido com a equidade de gênero ao envolver todos/as nessas diferentes funções. Contudo, é preciso atentar que todos e todas vivenciem essas práticas de modo a se certificar que os conteúdos propostos são apreendidos.

Além das possibilidades que os/as FP julgam como viáveis para o contexto de suas futuras atuações profissionais, também posicionam a equidade de gênero como um projeto de sociedade, onde os efeitos das mudanças constituem um carrossel de possibilidades, numa relação mútua. Como enuncia o excerto a seguir:

“Eu acho se a gente como professor mudar essa visão que surge de gênero dentro das escolas, talvez quando eles forem pra outro ambiente, como uma faculdade, eles não percam dois ou três semestres como a gente perdeu pra tentar entender isso e pra poder se unir, porque a gente poderia desde o primeiro semestre a turma ser diferente, e ter evoluído muito mais desde o primeiro semestre e não ter esperado três, quatro semestres pra poder ter essa percepção no mundo de gênero.” (Miguel – GF Voleibol).

Os/As FP demonstram preocupação em modificar o cenário escolar, ressignificando suas práticas educativas nos momentos que forem atuar enquanto professores/as. Mais que isso, entendem que a transformação das relações entre os sujeitos durante o período escolar para vínculos mais equitativos, produzirão efeitos na formação docente quando os/as mesmos/as ingressarem em cursos de Educação Física, cujos feitos serão observados também na futura atuação profissional, construindo uma rede de relações e saberes baseada na equidade de gênero. Portanto, que os/as FP fomentem as discussões de gênero em seus contextos de atuação,

de modo que façam parte dos conteúdos, dos currículos escolares, das diretrizes pedagógicas, envolvendo não somente os/as educandos/as, mas toda a comunidade escolar (TORRADA; RIBEIRO; RIZZA, 2020). Assim, que a escola e a formação docente possam caminhar juntas para alavancar uma sociedade arquitetada e ancorada na equidade de gênero.

A partir das análises realizadas, é notório que os/as FP participantes desta investigação manifestam preocupações para promover a equidade de gênero na educação física escolar, mas as ações contidas nas fontes de pesquisa mostram que eles/as ainda estão pouco preparados/as para isso, pois, algumas iniciativas foram mais salientadas que outras, como a formação de aulas mistas, ação que é um ponto de partida, mas quando tomada como alternativa única, não é suficiente. Isso porque, como visto anteriormente, a formação docente pouco prepara os/as FP para trabalhar nessa perspectiva.

Além disso, outras enunciações como a adaptação das regras esportivas, a utilização de metodologias de ensino e estratégias pedagógicas que ensinem os esportes além do caráter técnico instrumental se apresentam como possíveis para a promoção da equidade de gênero na escola. Todavia, quando isoladas pouco resolvem as desigualdades de gênero. Contudo, para que todos/as os/as FP sejam mais instruídos e construam práticas educativas alinhadas com a equidade de gênero, é preciso que a formação docente também o faça, produzindo um movimento equitativo entre diferentes instâncias educacionais, de modo a potencializar os mesmos direitos e aprendizagens entre os sujeitos envolvidos no processo educativo.

## **6 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O exame das fontes de pesquisa associadas ao ferramental teórico nos permitiu identificar múltiplas possibilidades de produção de práticas educativas alinhadas à equidade de gênero na formação docente. Contudo, as análises sugerem que é uma tarefa, no mínimo, complexa. Os enunciados capturados posicionam a reformulação curricular e o engajamento da instituição e dos/as DF responsáveis pelas disciplinas de esportes coletivos como sujeitos centrais na produção de ações que sejam justas a todos/as. Também, no decorrer das análises, identificamos que os/as FP agem como fundamentais nesse processo, pois atuam como dispositivos na produção de saberes, de modo que os/as envolvidos/as no processo formativo possam construir alianças que contribuam para essa perspectiva. No entanto, os/as FP enunciam múltiplas preocupações para produzir ações equitativas em suas futuras atuações profissionais e, ao mesmo tempo, demonstram fragilidades, as quais são efeitos da formação docente que ainda pouco prepara para promover a equidade de gênero na escola.

O fomento dessas ações recruta esforços que não podem estar restritos à acontecimentos, como: um momento da aula, uma estratégia pedagógica ou uma escolha metodológica de ensino do conteúdo esportivo; é imprescindível muito mais. É imperativo produzir uma estrutura didático-pedagógica ancorada em princípios equitativos, forjados no currículo que ampara o processo formativo. Que os/as DF não se restrinjam a oferecer iguais oportunidades a todos/as, mas que, a partir da identificação das experiências singulares dos/as os/as estudantes, entendam que cada um/a precisa ser valorizado/a, garantindo os mesmos direitos e aprendizagens a todos/as. Constituir esse cenário na formação docente, produzirá efeitos nas futuras atuações profissionais dos/as FP, cujos saberes conduzirão às práticas educativas potencialmente equânimes, tornando possível as aprendizagens esportivas de todos/as.

Por fim, destacamos que os discursos emergidos das fontes de pesquisa afirmam e reafirmam a necessidade de a formação docente repensar, refletir e ressignificar suas práticas educativas, metodologias e saberes, produzindo ferramentas para questionar os cânones esportivos e as assimetrias entre homens e mulheres, além de arquitetar uma educação física que considere as múltiplas experiências e trabalhe no desenvolvimento das aprendizagens de todos e todas. Sobretudo, que a formação docente e a educação física escolar possam se constituir mutuamente, compreendendo a sociedade como plural e contribuindo para que seja mais democrática e humana nas mais diferentes instâncias sociais.

## REFERÊNCIAS

- ABRÃO, Kelber Ruhena; BAYSDORF, Grace Coswig. O trabalho docente do professor de Educação Física em escolas com diferentes fatores socioeconômicos e demográficos: estratégias e saberes construídos. **Contexto & Educação**, Ijuí, v. 28, n. 91, p. 37-57, 2013.
- ALTMANN, Helena. **Educação física escolar: relações de gênero em jogo**. São Paulo: Cortez, 2015.
- ALVES, José Eustáquio Diniz. Desafios da equidade de gênero no século XXI. **Revista Estudos Feministas**, v. 24, n. 2, p. 629-638, 2016.
- ARAÚJO, Ana Beatriz Carvalho de; DEVIDE, Fabiano Pries. “Gênero” e “Sexualidade” na formação em Educação Física: uma análise dos cursos de licenciatura das instituições de ensino superior públicas do Rio de Janeiro. **Arquivos em Movimento**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 1, p. 25-41, 2019.
- BALZANO, Otávio Nogueira. **Metodologia dos jogos condicionados para o futsal e educação física escolar**. Várzea Paulista: Fontoura, 2007.
- BARBOUR, Rosaline. **Grupos focais**. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- BERTH, Joice. **Empoderamento**. São Paulo: Pólen, 2019.
- BOAS, Benigna Maria de Freitas Villas. Avaliação formativa e formação de professores: ainda um desafio. **Linhas Críticas**, Brasília, v. 12, n. 22, p. 159-180, 2001.
- BOGADO, Maria. Rua. *In*: HOLLANDA, Heloisa Buarque de. **Explosão Feminista: arte, cultura, política e universidade**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018. p. 23-42.
- BOTELHO-GOMES, Paula Brandão; SILVA, Paula; QUEIRÓS, Paula. **Equidade na educação, educação física e esporte**. Oeiras: Associação Portuguesa A Mulher e o Desporto, 2000.
- BRACHT, Valter. A constituição das teorias pedagógicas da educação física. **Cadernos Cedes**, v. 19, n. 48, p. 69-88, 1999.
- BRITO, Leandro Teófilo de; SANTOS, Mônica Pereira dos. Masculinidades na Educação Física escolar: um estudo sobre os processos de inclusão/exclusão. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 27, n. 2, p. 235-246, 2013.
- BUTLER, Judith. Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do sexo. *In*: LOURO, Guacira Lopes. **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. p. 151-167.
- BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.
- CARLAN, Paulo; KUNZ, Elenor; FENSTERSEIFER, Paulo Evaldo. O esporte como

conteúdo da educação física escolar: estudo de caso de uma prática pedagógica “inovadora”. **Movimento**, Porto Alegre, v. 18, n. 4, p. 55-75, 2012.

CAMPOMAR, Gloria del Carmen; ZIMMERMAN, Mario Andrés; FULUGONIO, Julia; AÑASCO, Alejandro. “Você não... nessa posição, sim ou sim, um homem”: representações em torno do gênero e intervenção docente na formação. **Educação & Formação**, Fortaleza, v. 5, n. 14, p. 17-35, 2020.

CANARIO, Rui. **A escola tem futuro?** Das promessas às incertezas. Porto Alegre: Artmed, 2006.

CLEMENTE, Filipe Manuel. Princípios Pedagógicos dos Teaching Games for Understanding e da Pedagogia Não-Linear no Ensino da Educação Física. **Movimento**, v. 18, n. 2, p. 315-335, 2012.

CONNELL, Robert W. An iron man: the body and some contradictions of hegemonic masculinity. *In*: MESSNER, Michael A.; SABO, Donald F. **Sport, men, and the gender order: critical feminist perspectives**. Usa: Human Kinetics, 1990. p. 83-96.

COSTA, Cristiane. Rede. *In*: HOLLANDA, Heloisa Buarque de. **Explosão Feminista: arte, cultura, política e universidade**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018. p. 43-60.

CRESWELL, John W. **Investigação qualitativa e projeto de pesquisa: escolhendo entre cinco abordagens**. Porto Alegre: Penso, 2014.

DAOLIO, Jocimar. Educação Física e pesquisa sociocultural. *In*: STIGGER, Marco Paulo. **Educação Física + Humanas**. Campinas: Autores Associados, 2015. p. 111-128.

DEVIDE, Fabiano Pries. **Gênero e mulheres no esporte: história das mulheres nos jogos olímpicos modernos**. Ijuí: Unijuí, 2005.

DUARTE, Catia Pereira; MOURÃO, Ludmila. Representações de adolescentes femininas sobre os critérios de seleção utilizados para a participação em aulas mistas de Educação Física. **Movimento**, Porto Alegre, v. 13, n. 1, p. 37-56, 2007.

DORNELLES, Priscila Gomes. **Distintos destinos?** A separação entre meninos e meninas na Educação Física escolar na perspectiva de Gênero. 2007. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

DOWLING, Fiona. Physical education teacher educators professional identities, continuing professional development and the issue of gender equality. **Physical Education & Sport Pedagogy**, v. 11, n. 3, p. 247-263, 2006.

FOUCAULT, Michel. **Arqueologia do Saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso: aula inaugural no collège de france**, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. 7. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2018.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREITAS, Milena de Bem Zavanella; SOUZA JR., Osmar Moreira de. Gênero, sexualidade e educação física: formação e prática docente. **Motricidades**, São Carlos, v. 4, n. 3, p. 217-230, 2020.

GARCIA, Rafael Marques; BRITO, Leandro Teófilo de. Performatizações queer na educação física escolar. **Movimento**, v. 24, n. 4, p. 1321-1314, 2018.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GODOI, Marcos; BORGES, Cecilia; AYOUB, Eliana. Equidade de gênero nas aulas de um professor de educação física: um estudo de caso. **Educación Física y Ciencia**, v. 23, n. 1, p. 1-15, 2021.

GOELLNER, Silvana Vilodre. A produção cultural do corpo. *In*: LOURO, Guacira Lopes; FELIPE, Jane; GOELLNER, Silvana Vilodre. **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 30-42.

GOELLNER, Silvana Vilodre. A educação dos corpos, dos gêneros e das sexualidades e o reconhecimento da diversidade. **Cadernos de Formação RBCE**, p. 71-83, 2010.

GONZÁLEZ, Fernando Jaime. O ensino dos esportes. *In*: GONZÁLEZ, Fernando Jaime; DARIDO, Suraya Cristina; OLIVEIRA, Amauri Aparecido Bássoli de. **Esportes de invasão: basquetebol, futebol, futsal, handebol, ultimate frisbee**. Maringá: Eduem, 2014. p. 29-60.

GONZÁLEZ, Fernando Jaime; FRAGA, Alex Branco. **Afazer da Educação Física na escola: planejar, ensinar, partilhar**. Erechim: Edelbra, 2012.

GRAU, María Prat; FLINTOFF, Anne. Tomando el pulso a la perspectiva de género: un estudio de caso en una institución universitaria de formación de profesorado de educación física. **Revista Electrónica Interuniversitaria de Formación del Profesorado**, v. 15, n. 3, p. 69-83, 2012.

HILL, Joanne; PHILPOT, Rod; WALTON-FISETTE, Jennifer L.; SUTHERLAND, Sue; FLEMONS, Michelle; OVENS, Alan; PHILLIPS, Sharon; FLORY, Sara B. Conceptualising social justice and sociocultural issues within physical education teacher education: international perspectives. **Physical Education And Sport Pedagogy**, v. 23, n. 5, p. 469-483, 2018.

HOLLANDA, Heloisa Buarque de. **Explosão Feminista: arte, cultura, política e universidade**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

JESUS, Mauro Louzada de; DEVIDE, Fabiano Pries; VOTRE, Sebastião. Apresentação e análise de trabalhos acerca da distribuição dos alunos por sexo nas aulas de Educação Física escolar. **Movimento**, Porto Alegre, v. 14, n. 2, p. 83-98, 2008.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Avaliação da aprendizagem escolar: estudos e proposições**. 12 ed. São Paulo: Cortez, 2002.

MALVAR, Antonio Jorge Martins; SOUZA JR., Osmar Moreira de. “E a gente teve que aprender a conviver”: meninas e futsal escolar. **Motricidades**, v. 5, n. 1, p. 106-122, 2021.

MANOEL, Edison de J. Natureza//cultura; natureza x cultura; natureza ~ cultura: o conceito de desenvolvimento na constituição da educação física na escola. *In*: STIGGER, Marco Paulo. **Educação Física + Humanas**. Campinas: Autores Associados, 2015. p. 23-64.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MARTINS, Mariana Zuaneti; LAURINDO, Vinnicius Camargo de Souza; SILVA, Bruna Saurin; AZEVEDO, Herlen; OLIVEIRA, Daiane. As meninas não querem jogar? uma revisão sobre aspectos didático-metodológicos na educação esportiva de meninas. **Cadernos de Formação RBCE**, v. 11, n. 1, p. 44-57, 2020.

MORAES, Paulo Mateus de; NEVES, Luciene; CARVALHO, Luciene Rodrigues de; AMANCIO, Elisa Nunes; SANTOS, Yessa Enelin Antonia da Silva. Direitos humanos e gênero: possíveis articulações para formação de professorxs. **Cadernos de Formação RBCE**, v. 11, n. 1, p. 81-91, 2020.

OLIVEIRA, Myllena Camargo de. **Relações de gênero, poder e resistência na formação inicial de professores/as de Educação Física**. 2020. Mestrado (Programa de Pós-Graduação em Educação Física) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS, 2020.

OLIVEIRA, Myllena Camargo; JAEGER, Angelita Alice; ROTH, Vanessa Juliane da Silva. Estereótipos de gênero e Educação Física: diálogos com estudantes de ensino médio. **Arquivos em Movimento**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 1, p. 75-96, jan./jul. 2019.

PAIXÃO, Jairo Antônio; SOUZA, Ederley Emanuel; SOUSA, Jefferson Teixeira; DELLA LUCIA, Emanuel Mattos. A prática do bom professor na formação inicial: uma análise na perspectiva de acadêmicos do curso de licenciatura em educação física. **Pensar A Prática**, v. 21, n. 4, p. 751-760, 2018.

PARLEBAS, Pierre. Didática e lógica interna dos jogos e esportes. *In*: KUNZ, Elenor. **Didática da Educação Física 4**: educação física e esportes na escola. Ijuí: Unijuí, 2016. p. 109-128.

PARRI, Monica; CECILIANI, Andrea. Best practice in P.E. for gender equity: a review. **Journal of Physical Education and Sport**, v. 19, n. 5, p. 1943-1952, 2019.

PRADO, Vagner Matias do. Gêneros e sexualidades na formação inicial em Educação Física: experiência docente em uma universidade pública. **Cadernos de Formação RBCE**, v. 11, n. 1, p. 58-69, 2020.

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte: Letramento: Justificando, 2017.

RODRIGUES, Carla. Judith Butler: A performatividade de gênero e do político. **Revista Cult**, n. 205, p. 20-26, 2015.

SCOTT, Joan Wallach. Gênero: Uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**, v. 20, n. 2, p. 71-99, 1995.

SILVA, Paula; QUEIRÓS, Paula. Fixar as questões de gênero no projeto de identidade profissional de professores e professoras. *In*: CONSTANTINO, José Manuel; MACHADO, Maria. **Desporto, género e sexualidade**. Lisboa: Visão e Contextos, 2018.

SILVEIRA, Ana Aparecida Tavares da; DIAS, Maria Aparecida. Repensando as relações de gênero nas vivências do ultimate frisbee na escola. **Motrivivência**, v. 31, n. 58, p. 1-15, 2019.

TORRADA, Lara; RIBEIRO, Paula Regina Costa; RIZZA, Juliana Lapa. Estratégias de resistência possibilitando o debate de gênero e sexualidade na escola. **Revista Contexto & Educação**, v. 35, n. 111, p. 46-63, 2020.

UCHOGA, Liane Aparecida Roveran; ALTMANN, Helena. Educação Física escolar e relações de gênero: diferentes modos de participar e arriscar-se nos conteúdos de aula. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 38, n. 2, p. 163-170, 2016.

VASCONCELOS, Camila Midori Takemoto; FERREIRA, Lílian Aparecida. A formação de futur@s professor@s de Educação Física: reflexões sobre gênero e sexualidade. **Educação em Revista**, v. 36, p. 1-17, 2020.

VOSER, Rogério da Cunha. **PIBID na Educação Física**: uma proposta metodológica e práticas para o ensino do esporte na escola. São Leopoldo: Oikos, 2018.

WHITSON, David. Sport in the social construction of masculinity. *In*: MESSNER, Michael A.; SABO, Donald F. **Sport, men, and the gender order**: critical feminist perspectives. Champaign: Human Kinetics, 1990.